

Marina Makowiecky



Minhas inspirações vêm de variadas fontes. As referências percebidas no trabalho do dia-a-dia, em cada livro, filme, revista, viagem, internet, etc. sobre variados assuntos ajudam a apurar o olhar, e tornar mais natural o criar, o projetar.

Entrevista concedida a Erlei Gobi

De que forma a iluminação se tornou sua principal atividade como arquiteta? Conte um pouco de sua história profissional.

Formei-me em arquitetura e urbanismo em 2004, iniciando a carreira como autônoma. Em 2007, após participação em um projeto social de revitalização de uma creche (projeto Casa da Criança), fui convidada a integrar a equipe de um grande escritório em Florianópolis. Trabalhei como arquiteta coordenadora de projetos deste escritório por três anos, conciliando o trabalho com a pós-graduação em iluminação e design de produto. No escritório, passei a desenvolver projetos luminotécnicos, aplicando o conhecimento que estava adquirindo. Foi um ótimo treinamento.

Como surgiu a Allume Arquitetura de Iluminação? Fale sobre sua parceria com a arquiteta Paola Simoni.

A Allume surgiu a partir de um convite para elaboração de um projeto luminotécnico de um parque em Florianópolis. Como trabalhava em tempo integral no escritório tive que formar uma equipe para trabalhar fora de horário comercial. Reuni uma equipe de colegas da pós-graduação e a partir desta parceria surgiu a Allume, consolidada em 2010 com duas sócias. A arquiteta Paola Simoni entrou para a equipe em meados de 2012, trazendo conhecimentos da arquitetura sustentável e bioclimática, na qual fez especialização.

Quais foram os trabalhos mais importantes da sua carreira até hoje?

Acredito que o trabalho mais importante na arquitetura tenha sido o projeto

social realizado em 2006, pois tive a oportunidade de trabalhar em um escritório renomado que me deu confiança para pôr em prática os conhecimentos da iluminação. Na iluminação, o projeto mais importante foi o da fachada do MESC - Museu da Escola Catarinense, pois foi o primeiro projeto de patrimônio histórico do escritório. Conceitual e tecnicamente, conseguimos desempenhar um trabalho que nos deu visibilidade e, principalmente, trouxe o olhar das pessoas para a importância da iluminação como mecanismo de valorização dos edifícios.

Você faz parte de alguma associação? Por quê?

Sim, a Allume faz parte da AsBAI (Associação Brasileira de Arquitetos de Iluminação) e da AsBEA (Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura), pois acreditamos que estas associações criam estímulos e condições para o fortalecimento do profissional. São grupos de profissionais que têm interesses em comum e buscam individualmente a valorização e o bem do coletivo.

Quais são suas inspirações para projetar iluminação? Tem algum lighting designer que admire?

Minhas inspirações vêm de variadas fontes. As referências percebidas no trabalho do dia-a-dia, em cada livro, filme, revista, viagem, internet, etc. sobre variados assuntos ajudam a apurar o olhar, e tornar mais natural o criar, o projetar. Acredito que qualquer fonte de imagem pode produzir uma inspiração em algum momento. Admiro muito o trabalho do escritório Licht Kunst Licht, da Alemanha, e não poderia deixar de citar Peter Gasper, assim como outros que foram meus professores na pós de iluminação, como Ginter Parschalk e Plínio Godoy.

Além da iluminação, quais são suas outras paixões?

Além da iluminação tenho várias outras paixões; é difícil citar apenas uma. Gosto muito de viajar e conhecer novos lugares, amo o verão, mas talvez a mais significativa seja o entretenimento de uma forma geral. A emoção de um show, de um musical, do carnaval de Salvador, de um grande espetáculo. Os cenários e a iluminação capaz de multiplicar essa emoção e nos gerar surpresa, encantamento... é quase mágica. ◀